

SBNp news

A NEWSLETTER OFICIAL
DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE
NEUROPSICOLOGIA

JULHO 2026



A capa da SBNp News de julho é dedicada ao Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador, celebrado em 8 de julho.

DESTAQUES

04

Dicas dos Especialistas:
Férias escolares: como apoiar o desenvolvimento cognitivo no recesso?

06

Funções cognitivas:
Flexibilidade cognitiva, tédio e desenvolvimento: mudar de estratégia também é uma habilidade cognitiva?

08

Dicas de livros:
Neuropsicologia do adulto

10

Curiosidades sobre Neuropsicologia:
O que acontece no cérebro dos torcedores durante a Copa do mundo?



NOSSA EQUIPE DE EDITORES

ISABELA HELSDINGEN | EDITORA CHEFE



THAYS TANNURE | EDITORA ASSISTENTE

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROPSICOLOGIA

Presidente

Beatriz Bittencourt Granjo

Vice-presidente

Maicon Rodrigues Albuquerque

Secretaria

Giulia Moreira Paiva

Tesouraria

Annelise Júlio-Costa

Conselho Deliberativo

Natália Martins Dias
Ana Luiza Rodrigues da Costa
Rodrigo Flores Sartori
Antônio Geraldo da Silva

Conselho Fiscal

Caroline Cardoso
Mônica de Souza Kerr

Comitê científico

Rochele Paz Fonseca
Tatiana Pontrelli Mecca
Camila Barbosa Riccardi León

Brazilian Neuropsychological Academy (ABNp)

Leandro Malloy Diniz
Deborah Azambuja

SBNp JOVEM

Presidente

Victoria Guinle

Vice-presidente

Caetano Schmidt Gundlach Knop
Máximo

Secretaria

João Victor Messias
Gabriella Polazzi

Equipe editorial

Isabela Helsdingen Espezin
Thays Tennure

EXPEDIENTE DO SBNp NEWS

Editor chefe

Isabela Helsdingen Espezin

Editora assistente

Thays Tannure

Projeto Gráfico e Editoração

Maithe Thomé da Cruz Bunn
Victoria Guinle

Comitê de apoio SBNp Jovem selecionados pelo Edital

Aline Busch Czarnobai
Amanda Douat Cardoso
Amanda Gorziza da Silva
Ana Carolina Cândida Maia Ferreira
Anáthia Pereira dos Santos
Andressa Aguiar da Silva
Clara de Paula Gomes
Claudio Sausen Mallmann
Evellyn Millene Alves Camelo
Lys Malloy-Diniz
Maithe Thomé da Cruz Bunn
Milena Groetares Rosa

COMO APOIAR O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DURANTE RECESSO ESCOLAR: COM CAROLINE CARDOSO.

Clara de Paula Gomes

As férias escolares costumam ser um período desafiador para os pais, tanto pelo maior tempo que as crianças passam em casa, quanto pela necessidade de encontrar formas adequadas de ocupar esse tempo fora da rotina escolar. Embora os prejuízos associados ao uso excessivo de telas sejam amplamente conhecidos pelos cuidadores, a escolha de atividades substitutivas nem sempre é simples e pode representar uma dificuldade para muitas famílias.

Com o objetivo de auxiliar nessas escolhas, entrevistamos a **Dra. Carol Cardoso**, professora da pós-graduação da Universidade Feevale, mestre e doutora em Psicologia e Neuropsicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A seguir, apresentaremos orientações práticas sobre atividades, brincadeiras e oportunidades de aprendizagem para o período de férias escolares, visando promover maior autonomia, interação social e desenvolvimento infantil. Para assim oferecer subsídios para uma melhor orientação parental para esse período.

#1. Jogos e atividades para inserir na rotina nas férias escolares

As férias escolares representam um momento interessante do ponto de vista neuropsicológico, uma vez que há redução da demanda estruturada, o que libera mais espaço para atividades que exigem iniciativa, flexibilidade, criatividade e funções executivas de forma geral. O problema é que, muitas vezes, esse espaço acaba sendo preenchido de forma passiva.

Algumas sugestões: jogos de tabuleiro (xadrez, Imagem & Ação, Dobble, Uno, Stop), jogos de cartas e brincadeiras em grupo são ótimos exemplos, estimulam diversas habilidades cognitivas. Além disso, atividades familiares simples podem ser extremamente enriquecedoras, como, por exemplo, cozinhar juntos, montar receitas, organizar um piquenique, fazer caça ao tesouro, círculos pela casa, brincar de faz de conta, montar cabana. Propor algum projeto com início, meio e fim, por exemplo, construir um robô de sucata, criar um álbum da família, construir uma maquete, estimular planejamento, sequenciamento, autorregulação, tolerância a frustração, etc. Todas essas experiências favorecem a aprendizagem de forma natural e aumentam o engajamento.

Vale ressaltar, no entanto, que não é a atividade em si que faz a diferença, mas sim a qualidade da mediação do adulto. Nomear os processos, guiar a execução, contribui para que a criança internalize essas habilidades e promova o aprendizado



#2. Dicas de atividades que auxiliam na promoção de autonomia das crianças

As férias também podem ser uma oportunidade importante para promover autonomia. Por isso, vale incentivar responsabilidades compatíveis com a idade, como organizar brinquedos, preparar pequenos lanches, participar de tarefas domésticas ou cuidar de uma planta ou animal. É importante lembrar que a autonomia não surge de forma espontânea. O adulto tem papel fundamental ao modelar, orientar e acompanhar inicialmente a tarefa, reduzindo gradualmente a ajuda à medida que a criança ganha confiança e competência para realizá-la sozinha. Embora as férias não precisem e nem devem reproduzir a rotina escolar, é interessante manter alguma previsibilidade, com espaço para descanso, brincadeiras, atividades físicas, convivência familiar e uso de telas.

#3. Dicas de atividades que auxiliam na promoção de interação social das crianças

As férias também são uma oportunidade importante para fortalecer habilidades sociais. Interações presenciais favorecem comunicação, negociação, cooperação, empatia e resolução de conflitos. Os pais podem estimular encontros com amigos, brincadeiras em grupo, jogos de tabuleiro, atividades esportivas, passeios em família e momentos de convivência com outras crianças. Situações simples, como organizar uma brincadeira, combinar regras de um jogo ou planejar um passeio em conjunto, já oferecem oportunidades importantes para exercitar habilidades sociais. Mais do que atividades estruturadas, é importante criar espaços para que a criança interaja, converse, compartilhe interesses e participe de experiências coletivas.

#4. Uso de telas durante as férias escolares

É esperado e natural que o uso de telas tende a aumentar durante as férias. Assim, o foco não deve ser apenas o tempo total, mas também a qualidade desse uso e o equilíbrio com outras experiências e atividades. Mais do que proibir completamente, costuma ser mais efetivo construir combinados claros e previsíveis, que já acaba sendo um exercício de autorregulação para a criança. Em relação aos jogos digitais, alguns podem ser utilizados de forma mais funcional, especialmente quando envolvem raciocínio, resolução de problemas, criatividade e interação social supervisionada. Jogos de construção, estratégia, lógica e cooperação tendem a ser mais interessantes do que conteúdos extremamente passivos ou altamente repetitivos.



FLEXIBILIDADE COGNITIVA, TÉDIO E DESENVOLVIMENTO: POR QUE MUDAR DE ESTRATÉGIA TAMBÉM É UMA HABILIDADE COGNITIVA?

Lys Malloy-Diniz & Amanda Gorziza da Silva

A flexibilidade cognitiva é uma das principais funções executivas envolvidas na adaptação do pensamento e do comportamento diante de mudanças no ambiente. Ela permite alternar entre tarefas, modificar estratégias, considerar diferentes perspectivas e ajustar respostas conforme novas demandas surgem. Na prática, é a habilidade que ajuda uma pessoa a “mudar de rota” quando uma estratégia deixa de funcionar, quando uma regra muda ou quando uma situação exige uma nova forma de pensar e agir (1,2).

Essa função não deve ser compreendida como uma capacidade única e simples. A literatura aponta que a flexibilidade cognitiva envolve diferentes processos, como alternância entre tarefas, mudança de conjuntos mentais e reorganização das relações entre estímulos e respostas (3). Estudos recentes também sugerem que ela pode ter uma organização modular, com subcomponentes distintos, ainda que inter-relacionados (4). Do ponto de vista neural, a flexibilidade depende da integração entre redes frontoparietais, frontoestriatais, midcingulo-insulares e regiões orbitofrontais, fundamentais para monitorar demandas, atualizar regras e ajustar o comportamento (2,3).

Um aspecto interessante dessa habilidade é sua relação com o tédio. O tédio não representa apenas “falta do que fazer”, mas um estado de desengajamento atencional que sinaliza que a atividade atual perdeu sentido, valor ou adequação às metas da pessoa. Segundo o modelo MAC — Meaning and Attentional Components —, o tédio surge quando há incompatibilidade entre as demandas cognitivas da atividade e os recursos mentais disponíveis, ou quando a tarefa não se conecta a objetivos percebidos como relevantes (5).

Nesse sentido, lidar com o tédio exige flexibilidade cognitiva. Quando uma atividade se torna monótona, repetitiva ou pouco significativa, é necessário redirecionar a atenção, buscar alternativas, mudar a forma de engajamento ou reorganizar a própria relação com a tarefa. Pessoas com maior flexibilidade tendem a encontrar mais caminhos para enfrentar situações pouco estimulantes, enquanto dificuldades nessa habilidade podem aumentar a vulnerabilidade ao tédio, à ruminação e ao desengajamento (6,7).

Estudos indicam que a propensão ao tédio se associa negativamente à flexibilidade cognitiva: quanto maior a capacidade de alternar perspectivas e gerar respostas alternativas, menor tende a ser a frequência de experiências de tédio (6,8). Essa relação parece ser bidirecional. Por um lado, déficits de flexibilidade podem dificultar a busca por novas estratégias em situações monótonas. Por outro, o próprio tédio pode ocupar recursos de processamento e prejudicar o desempenho em tarefas que exigem adaptação cognitiva (7).

Ao longo do desenvolvimento, a flexibilidade cognitiva apresenta uma trajetória prolongada. Na primeira infância, especialmente no período pré-escolar, observa-se um avanço importante na capacidade de alternar entre regras e tarefas simples, embora ainda com custos relevantes em precisão e controle (9). Na infância média, entre aproximadamente 6 e 13 anos, há melhora progressiva, com ganhos em tarefas básicas e desenvolvimento gradual de formas mais complexas de flexibilidade (10). Na adolescência, essa habilidade continua se refinando, acompanhando a maturação de redes neurais associadas ao córtex pré-frontal e aos sistemas de monitoramento, recompensa e tomada de decisão (11).

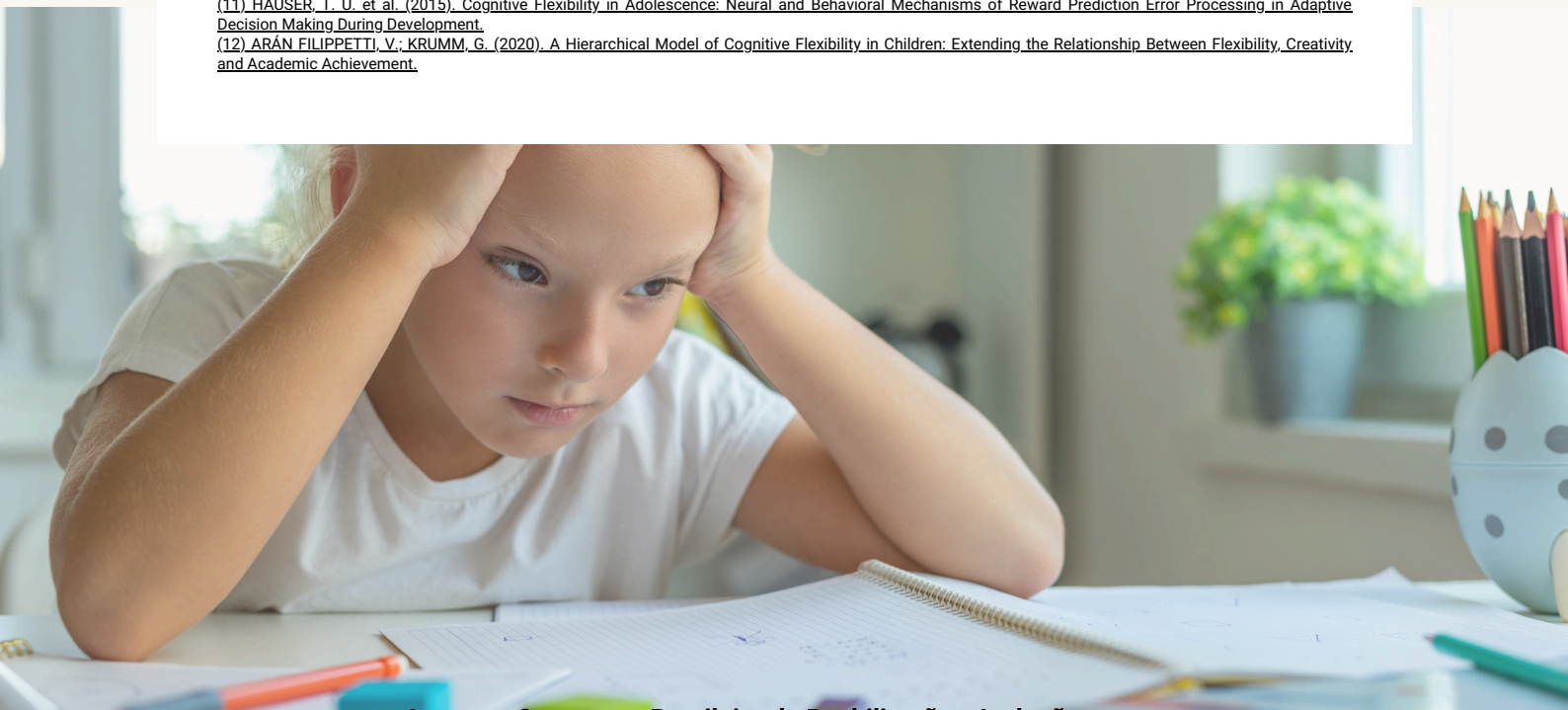
Também é importante diferenciar tipos de flexibilidade. A flexibilidade reativa refere-se à capacidade de mudar uma resposta diante de demandas externas, como quando uma regra é alterada em uma tarefa. Já a flexibilidade espontânea envolve a geração autônoma de diferentes respostas, ideias ou estratégias, sendo mais associada à criatividade e ao desempenho acadêmico (12). Memória de trabalho e inibição contribuem para esses processos, mas de formas diferentes: enquanto ambas parecem apoiar a flexibilidade espontânea, a inibição tem papel especialmente relevante na flexibilidade reativa (12).

Do ponto de vista aplicado, compreender a flexibilidade cognitiva é essencial para pensar intervenções educacionais, clínicas e preventivas. Estratégias metacognitivas, treino de resolução de problemas, atividades que exigem alternância de regras e propostas que estimulam múltiplas formas de pensar podem favorecer essa habilidade, especialmente na infância. No entanto, os achados sobre transferência de aprendizagem ainda são heterogêneos, o que exige cautela na generalização dos efeitos de programas de treinamento cognitivo (9).

Assim, a flexibilidade cognitiva pode ser entendida como uma habilidade central para a adaptação humana. Ela permite enfrentar mudanças, lidar com frustrações, buscar novos caminhos diante do tédio e responder de forma mais ajustada a contextos dinâmicos. Em um mundo marcado pelo excesso de informações, demandas rápidas e constantes mudanças, aprender a flexibilizar o pensamento não é apenas uma vantagem cognitiva, mas também uma ferramenta de autorregulação e saúde mental.

Referências:

- (1) HOHL, K.; DOLCOS, S. (2024). *Measuring Cognitive Flexibility: A Brief Review of Neuropsychological, Self-Report, and Neuroscientific Approaches.*
- (2) UDDIN, L. Q. (2021). *Cognitive and Behavioural Flexibility: Neural Mechanisms and Clinical Considerations.*
- (3) DAJANI, D. R.; UDDIN, L. Q. (2015). *Demystifying Cognitive Flexibility: Implications for Clinical and Developmental Neuroscience.*
- (4) HIMAI, Y.; HELED, E. (2025). *Conceptualizing Cognitive Flexibility: Singular Versus Modular View – Which One Holds Up?*
- (5) WESTGATE, E. C.; WILSON, T. D. (2018). *Boring Thoughts and Bored Minds: The MAC Model of Boredom and Cognitive Engagement.*
- (6) STRUK, A. A.; SCHOLER, A. A.; DANCKERT, J. (2016). *A Self-Regulatory Approach to Understanding Boredom Proneness.*
- (7) DENG, Y. Q. et al. (2022). *The Effect of Mind Wandering on Cognitive Flexibility Is Mediated by Boredom.*
- (8) AGRAWAL, M. et al. (2022). *The Temporal Dynamics of Opportunity Costs: A Normative Account of Cognitive Fatigue and Boredom.*
- (9) BUTTELMANN, F.; KARBACH, J. (2017). *Development and Plasticity of Cognitive Flexibility in Early and Middle Childhood.*
- (10) DICK, A. S. (2014). *The Development of Cognitive Flexibility Beyond the Preschool Period: An Investigation Using a Modified Flexible Item Selection Task.*
- (11) HAUSER, T. U. et al. (2015). *Cognitive Flexibility in Adolescence: Neural and Behavioral Mechanisms of Reward Prediction Error Processing in Adaptive Decision Making During Development.*
- (12) ARÁN FILIPETTI, V.; KRUMM, G. (2020). *A Hierarchical Model of Cognitive Flexibility in Children: Extending the Relationship Between Flexibility, Creativity, and Academic Achievement.*



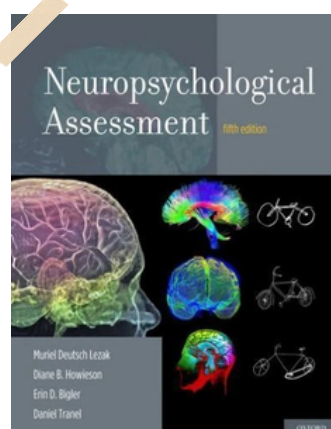
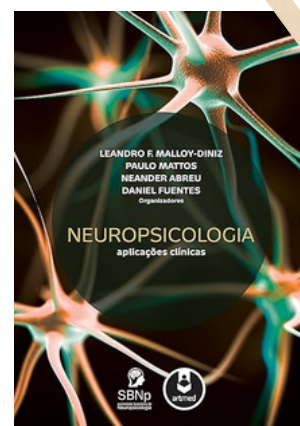
LIVROS SOBRE NEUROPSICOLOGIA COM ENFOQUE ADULTO

Maithe Bunn e Amanda Douat Cardoso

Nos últimos anos, tem se tornado cada vez mais frequente a presença de adultos nos serviços neuropsicológicos, seja pela busca da compreensão de dificuldades cognitivas ao longo da vida, por encaminhamentos relacionados a quadros psiquiátricos e neurológicos, ou ao próprio processo de envelhecimento. Esse movimento amplia os desafios da prática clínica e exige do neuropsicólogo um repertório teórico e técnico refinado, capaz de integrar diferentes contextos e modelos explicativos. Nesse cenário, a leitura de obras especializadas deixa de ser apenas complementar e passa a ocupar um lugar central na formação contínua do neuropsicólogo. Nesta coluna, reunimos indicações de livros que dialogam com a avaliação, compreensão e reabilitação do funcionamento cognitivo no adulto, oferecendo suporte à prática clínica contemporânea e à tomada de decisão baseada em evidências.

#1. Neuropsicologia: Aplicações clínicas.

O livro Neuropsicologia: Aplicações clínicas, organizado por Leandro Fernandes Malloy-Diniz e colaboradores, é uma referência essencial para profissionais e estudantes interessados na prática da neuropsicologia do adulto. A obra reúne fundamentos teóricos atualizados e uma ampla variedade de aplicações clínicas, abordando desde métodos de avaliação neuropsicológica até intervenções em diferentes condições neurológicas e psiquiátricas. Com enfoque baseado em evidências, o livro destaca a importância da integração entre conhecimento científico e prática clínica, oferecendo estudos de caso e instrumentos úteis para o dia a dia profissional.



#2. Neuropsychological Assessment.

O clássico de Muriel Lezak, é uma das obras mais influentes na neuropsicologia clínica do adulto, consolidando-se como um guia abrangente para a avaliação das funções cognitivas. O livro apresenta os princípios, métodos e instrumentos utilizados na prática neuropsicológica, com ênfase na interpretação clínica dos resultados e na compreensão do funcionamento cerebral em diferentes condições neurológicas. Integra teoria e prática ao discutir aspectos como memória, linguagem, funções executivas e comportamento, tornando-se a leitura recomendável para profissionais que buscam corroborar com seus conhecimentos na avaliação neuropsicológica.

#3. Tarefas para avaliação Neuropsicológica (Volume 2): linguagem e funções executivas em adultos.

A obra reúne instrumentos práticos voltados à investigação clínica das funções executivas e da linguagem em adultos, oferecendo ao profissional um repertório estruturado de tarefas para uso em avaliação neuropsicológica. O livro apresenta protocolos, orientações de aplicação e critérios de interpretação que auxiliam na identificação de déficits cognitivos em diferentes condições neurológicas e psiquiátricas. Trata-se de um material especialmente útil para a prática clínica, ao facilitar a integração entre avaliação padronizada e análise qualitativa do desempenho, contribuindo para diagnósticos mais precisos e intervenções direcionadas.

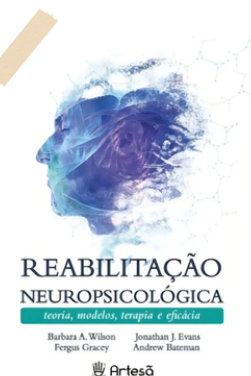


#4. Tarefas para Avaliação Neuropsicológica (Volume 3): Avaliação de memória episódica, percepção, linguagem e componentes executivos para adultos.

A obra reúne instrumentos e fundamentos teóricos voltados à avaliação de processos cognitivos centrais, como memória episódica, linguagem e percepção. Ancorado na neuropsicologia cognitiva, o livro articula modelos teóricos com a aplicação prática de tarefas amplamente utilizadas, além de apresentar evidências preliminares de validade e normas brasileiras. A inclusão de estudos de caso contribui para o refinamento do raciocínio clínico, tornando a obra especialmente útil para profissionais que desejam aprofundar a avaliação neuropsicológica no adulto com base em evidências.

#5. O Adulto

O Adulto reúne contribuições de especialistas para oferecer uma visão abrangente sobre a avaliação neuropsicológica na população adulta. A obra aborda desde os fundamentos da avaliação e da interpretação clínica até a aplicação dos principais instrumentos neuropsicológicos, além de discutir diferentes condições neurológicas e psiquiátricas frequentemente encontradas na prática profissional. Seu principal diferencial está na integração entre evidências científicas e experiência clínica, tornando-se uma referência tanto para profissionais quanto para estudantes que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre o raciocínio diagnóstico e a tomada de decisão em neuropsicologia clínica.



#6. Reabilitação neuropsicológica: Teorias, Modelos, Terapia e Eficácia.

Esta obra é uma referência fundamental na área de reabilitação neuropsicológica do adulto. Integra bases teóricas sólidas com aplicações clínicas baseadas em evidências. O livro explora diferentes modelos de reabilitação, estratégias terapêuticas e a eficácia das intervenções em pacientes com lesões cerebrais e transtornos neurológicos, enfatizando abordagens centradas no paciente e na funcionalidade cotidiana.

O QUE ACONTECE NO CÉREBRO DOS TORCEDORES DURANTE A COPA DO MUNDO?

Thays Tannure

Afinal – o que acontece no cérebro do torcedor ao acompanhar uma partida decisiva?

O brasileiro bem entende que torcer e acompanhar um time de futebol vai além do mero entretenimento. Torcer demanda força, garra e alma – e as neurociências já mostram isso.

Estudos recentes utilizando dispositivos para monitoramento contínuo de torcedores (como smartwatches) demonstraram alterações fisiológicas mensuráveis, como elevação da frequência cardíaca e aumento de marcadores de estresse, horas antes mesmo do apito inicial, sugerindo que o estado de antecipação já ativa circuitos neurobiológicos de recompensa e ameaça (1). Essas respostas se intensificam em momentos críticos da partida, como pênaltis e gols, com neuroimagem funcional evidenciando ativação de estruturas límbicas, incluindo o córtex cingulado anterior, especialmente em torcedores altamente identificados com suas equipes (2,3).

Um dos conceitos mais relevantes para compreender esse fenômeno é o de regulação emocional coletiva. Ao contrário da regulação emocional individual, amplamente estudada na neuropsicologia clínica, a regulação emocional coletiva envolve processos interpessoais e sociais pelos quais grupos modulam estados afetivos compartilhados, muitas vezes de forma não consciente (4). No contexto de Copa do Mundo, torcedores sincronizam respostas fisiológicas e comportamentais, como cantos, gestos, expressões, gerando o que Émile Durkheim descreveu como efervescência coletiva. Hoje esse fenômeno encontra respaldo na neurociência ao apontar que a sincronia comportamental medeia a liberação de opióides endógenos, favorecendo, assim, coesão grupal e redução de ansiedade (5,6).

Vale destacar que a intensidade da identificação com a equipe não é neutra em termos de saúde mental. A literatura aponta que a chamada fusão de identidade, quando o indivíduo vivencia seu time esportivo como extensão do self. Essa resposta pode ter efeitos protetores, como senso de pertencimento e otimismo, mas também vulnerabilizantes, com impacto significativo no humor após derrotas (8). O sofrimento coletivo, contudo, paradoxalmente fortalece vínculos intragrupo, fenômeno descrito como “união na derrota” (united in defeat), com implicações para compreendermos rituais de luto, resiliência grupal e identidade social (9).

2026 é ano de Copa do Mundo de Futebol Masculino, e não poderíamos deixar de contemplar como esse tão esperado evento influencia a cognição e comportamento de torcedores. A cada quatro anos, temos a oportunidade de testemunhar um laboratório natural para compreender o efeito neuropsicológico desse contexto em torcedores – desde a cognição social, sistemas de recompensa, emoções morais até em mecanismos de regulação afetiva em escala transcultural e simultânea. Compreender esses processos não é apenas academicamente relevante, é também uma janela para entendermos como pertencemos uns aos outros.

Referências

- (1) Butler, M. et al. (2025). *The People's Game: Evolutionary Perspectives on the Behavioural Neuroscience of Football Fandom*.
- (2) Bilgic, B. et al. (2020). *Functional Neural Substrates of Football Fanaticism: Different Pattern of Brain Responses and Connectivity in Fanatics*. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*.
- (3) Mclean, J. et al. (2009). *Localisation of Regions of Intense Pleasure Response Evoked by Soccer Goals*.
- (4) Zaki, J. & Williams, W. C. (2013). *Interpersonal Emotion Regulation*.
- (5) Charles, S. J. et al. (2020). *Blocking Mu-Opioid Receptors Inhibits Social Bonding in Rituals*.
- (6) Keiflin, R. & Janak, P. H. (2015). *Dopamine Prediction Errors in Reward Learning and Addiction: From Theory to Neural Circuitry*.
- (7) Crisp, R. J.; et al. (2007). *Seeing Red or Feeling Blue: Differentiated Intergroup Emotions and Ingroup Identification in Soccer Fans*.
- (8) Newson, M., Buhrmester, M. & Whitehouse, H. (2023). *United in Defeat: Shared Suffering and Group Bonding Among Football Fans*.

CONGRESSO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE NEUROPSICOLOGIA

A NEUROCOPA, PRIMEIRA
COMPETIÇÃO DE
NEUROPSICOLOGIA DA SBNP
JOVEM – CHEGOU!



ÁREA DO ASSOCIADO

SEJA UM ASSOCIADO

ENCONTRE UM ASSOCIADO

SIGA:
 

[Sobre a SBNp](#)

[Certificação](#)

[Associados](#)

[Biblioteca](#)

[Novidades](#)

[Eventos](#)

[Contato e localização](#)

CONGRESSO
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE
NEUROPSICOLOGIA

Inscrições
Abertas

 08 a 10 de outubro
 UFMG – Belo Horizonte

Um encontro para o debate qualificado e o
intercâmbio aprofundado em Neuropsicologia.



INSCREVA-SE JÁ

Em nosso site.



ABNP
Academia Brasileira
de Neuropsicologia



NEUROCOPA
1ª Olimpíada Brasileira de Neuropsicologia
da SBNp Jovem

**Você participa de algum
projeto em Neuropsicologia?
Seja nosso parceiro!**



Se você participa de alguma liga acadêmica, acesse:

<https://forms.gle/FC8hfE4dnVBno6bw9>

**Se você participa de grupos de pesquisa, projetos
de extensão, formação e ambulatórios, acesse:**

<https://forms.gle/14fp7QDr7UCtuat69>





@sbnp_brasil
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br